

A Pé Rapada, os Forasteiros e toda uma ideologia à parte

Ana Paula Sá

Resumo: Este texto apresenta crítica sobre o espetáculo *O Mascate, A Pé Rapada e Os Forasteiros*, solo do ator pernambucano Diógenes Lima, apresentado na IX Mostra Capiba, realizada anualmente pelo Sesc Casa Amarela, em Recife-PE. Desenvolvemos a análise a partir do Ateliê de Crítica e Reflexão Teatral, que exercitou e provocou nosso olhar durante uma semana, e proporcionou o exercício de escrita de textos críticos sobre os espetáculos assistidos durante o festival. Em nossa análise, abordamos questões relacionadas a identidades culturais e narrativas históricas.

Quanto de intocável há no que nos representa iconicamente, como indivíduos e como membros de grupos sociais diversos, e que é eleito como signo consagrado de uma identidade, seja ela mais ou menos restrita? Esta pergunta não intimida Diógenes Lima, que, no espetáculo *O Mascate, A Pé Rapada e Os Forasteiros*, se incube de satirizar signos de uma identidade geográfica local, em uma história bem-humorada e nada politicamente correta sobre a descoberta e colonização de Olinda e Recife.

Amparada por uma bancada e utilizando roupas e acessórios de uso cotidiano, como sombrinhas, óculos de sol e garrafas, para construir as personagens, a Cia. de Artes Cínicas com Objetos ocupou o palco do Teatro Capiba na quinta noite da IX Mostra Capiba de Teatro (Recife-PE), arrancando risos escancarados da plateia.

Com a ilustração de problemas históricos, muitos deles ainda presentes na rotina das duas cidades, o ator propõe um relato extraoficial sobre o enriquecimento e o desenvolvimento delas, a partir de um olhar local contemporâneo que busca justificar no passado a origem de algumas mazelas, em oposição ao discurso histórico de nobreza daqueles que aqui aportaram séculos atrás. Na narrativa, são abordados a problemática ocupação do solo, as controversas decisões políticas e os investimentos sociais, sobrando espaço para crítica às religiosidades, inseridas inclusive no âmbito do pleito eleitoral em curso no município de Olinda, onde dois candidatos estão vinculados a partidos e legendas que relacionam religião e Estado.

Diógenes caracteriza as personagens por meio de tipos não prestigiados na sociedade – como o próprio título sinaliza –, carregando nas referências sexuais, tanto discursivamente quanto em sua atuação, e mesmo na escolha e manipulação de alguns objetos que fazem referência a órgãos genitais. Chega ao auge da chacota com os discursos oficiais ao pôr em cena tensões contemporâneas relacionadas à violência contra mulheres e gays, discussão reiterada em campanhas

nacionais e políticas públicas. Em determinado momento, convida alguém do público a atuar em um desses conflitos e matar o personagem gay. Aqui, mesmo que discordem do discurso defendido pelo espetáculo, o espectador e a plateia embarcam na proposta, um convidado realiza a cena e o desfecho vira piada, ainda que um pouco amarga. Pergunto-me, ao assistir pela segunda vez, qual a solução para uma possível atitude política de contestação a este discurso de naturalização da violência contra gêneros, por parte do espectador convidado ou da plateia, – vez que a encenação permite a participação, quando não convida diretamente para. Nas duas récitas a que assisti, esperei por essa interferência do convidado, no sentido de, aceitando participar da cena, negar-se a realizar a ação e problematizá-la com o ator, mas em ambas os espectadores seguiram o roteiro proposto.

A manipulação de objetos, e a própria confecção dos mesmos, transita entre maior e menor elaboração, reproduzidos em delicados ou toscos detalhes, e sua entrada e saída de cena é ora delicada, ora irônica. O nome dado à companhia sugere este lugar de desestabilização, levando-nos a questionar se faz teatro “de” ou “com” objetos.

O desleixo, a sujeira dos gestos e a própria esculhambação de si produzem o riso de escárnio – até mesmo no ator, em alguns momentos –, pelo qual nada se mantém isento da carnavalização e do esvaziamento de seu sentido ordinário consagrado, exceto a função masculina de provedor e a feminina de sustentada, estas não deslocadas do senso comum, reiterando um discurso heteronormativo; em que todo o valor social e econômico se concentra no falo, seja na vida coletiva, representada por prédios, pela Torre de Cristal ou pelo pelourinho, referenciados no espetáculo, seja na submissão de uma cidade dormitório – Olinda, individualizada na personagem feminina, “A Pé Rapada” sustentada pelos estrangeiros (Os Forasteiros) ou trabalhadores locais (O Mascate) – a um centro econômico e político; destacado com ênfase no artigo que antecede o nome próprio: “o” Recife.

A dramaturgia transita na ambivalência entre negar e ratificar os símbolos de uma identidade cultural recifense e olindense, vez que propõe uma leitura perversa (nega) a reconhecidos referentes (ratifica), como os ícones carnavalescos, o comércio local, a gestão de recursos, a própria história da Região Metropolitana do Recife, as personagens. Nesse sentido, não faltam canções que reiterem a identificação já amplamente posta (e reconhecida) em nossa sociedade do que é ser recifense/olindense/pernambucano; expressões de uma fala coloquial – *oxe*, *marminino*, *apôis viu*; havendo, ainda, a explicitação do *cafuçu* – construção local de um ideal de identidade masculina.

Neste sentido, a ancoragem em elementos facilmente reconhecíveis por um público local, inclusive com as piadas sobre situações contemporâneas nossas, é um obstáculo à recepção por um espectador alheio a esta realidade, na medida em que lhe faltem referentes primários que antecedam as reelaborações irônicas e perversas propostas no espetáculo – como a distinção entre cidades da

RMR e a posterior valoração entre elas, ou a tensão entre o Projeto Novo Recife e o movimento Ocupe Estelita, entre outros.

É um espetáculo com potencial de fazer rir plateias afeitas ao humor de consumo imediato (motivo pelo qual afastará outra parcela de público); tanto pela destreza, quanto pelo atrapalho do ator em cena – capaz de sustentar situações não previstas na apresentação, como o mau funcionamento de uma estrutura cenográfica, fazendo deste mais um momento de pilhéria – em um tempo de comédia comum a programas televisivos de repercussão nacional. Isso tudo desde que o espectador esteja disposto a não confrontar com a cena as suas ideologias e identidades próprias. Do contrário, há possibilidade de achar absurda a versão apresentada e atribuir erros históricos à narrativa das cidades, para aqueles mais apegados à história oficial; sentir-se desrespeitado em sua matriz religiosa; ou opor-se ao discurso heteronormativo de prestígio. Mais proveitoso seria, ainda que discordando do discurso, questionar o que há de estável e inegociável em nossas ideologias, em nossas identidades, tal qual, nos parece, propõe Diógenes ao fazer piada de nossas contradições nem sempre percebidas.

- Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Casa Amarela (Recife - PE), a partir da programação da Mostra Capiba, no período de 17 a 21/10/2016.